

Palavra de Vida

*“Dar-vos-ei
um coração
novo e
introduzirei
em vós um
espírito
novo”*

(Ez 36, 26).

O termo “coração” faz-nos pensar em afectos, sentimentos, paixões. Mas, para o autor bíblico, é muito mais do que isso: o coração, juntamente com o espírito, é o centro da vida e da pessoa, o lugar das decisões, da interioridade, da vida espiritual. Um “coração de carne” é dócil à Palavra de Deus, deixa-se guiar por ela e tem “pensamentos de paz” para com os irmãos. Pelo contrário, um “coração de pedra” está fechado em si mesmo, sendo incapaz de dar atenção e ter misericórdia.

Precisamos mesmo de um coração novo e de um espírito

“Dar-vos-ei um coração novo e introduzirei em vós um espírito novo” (Ez 36, 26).

novo? Basta olhar ao nosso redor. As violências, as corrupções, as guerras nascem de corações de pedra, que se fecharam ao projeto de Deus sobre a Criação. E até nós, se olharmos sinceramente para dentro de nós, não nos sentimos muitas vezes arrastados por desejos egoístas? Será que as nossas decisões são sempre orientadas pelo amor e pelo bem dos outros?

Ao olhar para esta nossa pobre humanidade, Deus enche-se de compaixão. Ele, que nos conhece melhor do que nós próprios, sabe que precisamos de um coração novo. E promete-o ao profeta Ezequiel, pensando não apenas em algumas pessoas, mas em todo o seu povo. O sonho de Deus é voltar a criar uma grande família de povos, como Ele a idealizou desde as origens, moldada pela lei do amor recíproco. A nossa história mostrou muitas vezes, por um lado, que, individualmente, não somos capazes de realizar esse projecto, e, por outro, que Deus nunca se cansou de “jogar este jogo”, até ao ponto de nos prometer dar um coração e um espírito novos.

E ele cumpre plenamente a sua promessa quando envia o seu Filho à Terra e infunde o seu Espírito, no dia de Pentecostes. Aí

nasce uma comunidade – a primeira comunidade de Jerusalém –, ícone duma humanidade caracterizada por «um só coração e uma só alma» (1).

Também eu, que escrevo este breve comentário, e tu, que o lêes ou escutas, todos nós somos chamados a fazer parte desta nova humanidade. Não só, mas somos chamados a construí-la ao nosso redor, a torná-la realidade no nosso ambiente de vida e de trabalho. Imaginem só que enorme missão nos é confiada e que grande confiança Deus depõe em nós. Em vez de ficarmos deprimidos perante uma sociedade que muitas vezes parece corrupta, em vez de nos resignarmos perante males maiores do que nós e fecharmo-nos na indiferença, dilate-mos o coração «segundo a dimensão do Coração de Jesus. É um grande trabalho! Mas é a única coisa a fazer. Se fizermos isto, está tudo feito».

Este é um convite de Chiara Lubich, a qual continua: «Trata-se de amar cada pessoa que passa ao nosso lado como Deus a ama. E, como estamos no tempo, amemos o próximo um de cada vez, sem conservar no coração resíduos de afeto pelo irmão que encontrámos no minuto anterior» (2).

Não confiemos nas nossas forças e capacidades, mas sim na graça que Deus nos dá: «Dar-

-vos-ei um coração novo, introduzirei em vós um espírito novo». Se formos sempre dóceis ao convite de amar cada próximo, se nos deixarmos guiar pela voz do Espírito Santo em nós, tornar-nos-emos células de uma humanidade nova, construtores de um mundo novo, na grande variedade de povos e culturas.

Fabio Ciardi

1) Cf. At 4, 32; 2) C. Lubich, *Meditações*, Cidade Nova 2005, p. 19.

Viveremos esta Palavra – escolhida por um grupo ecuménico da Alemanha – juntamente com muitos irmãos e irmãs de várias Igrejas, deixando-nos acompanhar por esta promessa de Deus, ao longo de todo o ano em que comemoramos os 500 anos da Reforma.